

# A NOÇÃO DE OBJETO E O SIGNIFICANTE

Valéria Maia Lameira

Núcleo de Psicologia Aplicada, Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Campus Universitário do Bacanga, Avenida dos Portugueses, s/n, Cep: 65085-580, São Luis – Maranhão.

## RESUMO

O artigo versa sobre o conceito de objeto em Psicanálise e a emergência do significante. A experiência psicanalítica, tal como foi concebida por Freud que trata de pulsão em estado de pura potência, cujo objeto – *das Ding* – é perdido desde sempre e por isso busca objetos parciais para se fazer representar. Aponta-se para o ensino de Lacan que propõe uma topologia para mostrar como o sujeito circula no campo da linguagem em torno de um vazio. Aborda-se a correlação entre as formações do inconsciente com o significante, a partir da leitura que Lacan faz do texto de Freud sobre o Witz, para mostrar que o sentido, de algum modo faz referência à verdade inconsciente, que por sua vez só pode ser vista de viés.

**Palavras-chave:** inconsciente, objeto, significante, Outro.

## ABSTRACT

### THE NOTION OF OBJECT AND THE SIGNIFICANT

This paper concerns about the concept of object in Psychoanalysis and the emergency of the significant. The Psychoanalytical experience as it was conceived by Freud that deals with pulsion in state of pure power, whose object – *Das Ding* – is lost since form ever and therefore searches partial objects to became represented. The Education of Lacan proposes a topological way to show how the citizen circulates in the field of the language around a emptiness. It is approached a correlation between the unconscious formations and the significant, from the reading that Lacan makes of the work of Freud on the Witz, to show that the direction in some way, makes reference to the unconscious truth, because it can be faced only of bias.

**Keywords:** unconscious, object, significant, Other.

## INTRODUÇÃO

Buscarei tecer alguns comentários sobre o conceito de objeto em Psicanálise, e a emergência do significante. Tomo como ponto de partida a experiência psicanalítica, tal como foi concebida por Freud (1950[1895]), que é

LAMEIRA, V. O artigo é parte integrante da Tese de Doutorado no Programa em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (2009).

voltada para a incidência do trauma, como é sabido. Ao longo deste artigo procurarei discorrer sobre os aspectos que traduzem a experiência de pulsão em estado de pura potência, fora do alcance de qualquer representação, cujo objeto – *das Ding* – é perdido desde sempre.

Apresentarei a leitura que Lacan faz da teoria freudiana, visitando alguns de seus textos a fim de apontar para o modo como ele introduz uma formulação nova do conceito de objeto, o *objeto pequeno a*, o que nos permite acompanhar como Lacan aprofunda a função de objeto na experiência psicanalítica, um objeto causa do desejo que faz do objeto parcial e dos significantes seu porta-voz.

### A NOÇÃO DE OBJETO E O SIGNIFICANTE

A observação de Freud (1920) sobre as pulsões de o organismo ser energias livres, que pressionam para a descarga, ao mesmo tempo em que objetiva uma prevalência do princípio do prazer evidencia um jogo de forças no aparelho psíquico. É justamente esta dinâmica que, caracteriza um conflito que leva à formulação de um segundo dualismo pulsional, ponto de virada da obra freudiana. Partirei desse ponto para tecer algumas considerações sobre a estreita relação que há entre o princípio do prazer e a compulsão à repetição. Como Freud formula o conceito de pulsão de morte, e demonstra que a repetição nada mais é que uma tentativa do inconsciente de insistir em um modo de se fazer representar, insistência do sujeito para reencontrar com o objeto que o causou, *das Ding, a Coisa*. (FREUD, 1950[1895]).

Lacan (1959-1960) em seu retorno à construção teórica de Freud,

destaca o lugar central que tem este objeto na práxis psicanalítica. O objeto perdido, em torno do qual o humano vive uma nostalgia para reencontrar algo que nunca teve e que, justamente pela impossibilidade de reencontrar o que busca, se vira com um objeto que ele acredita fazer as vezes do objeto perdido, um objeto parcial. Com seu ensino, Lacan propõe uma topologia para mostrar como o sujeito circula no campo da linguagem em torno de um vazio. Deste modo, demonstra de que maneira o sujeito habita esses dois campos que, ainda que distintos, se relacionam. O campo do discurso do Bem – dos bons e maus objetos – onde circulam significantes que dizem mais do sujeito do que o *fallasser* tem a intenção de dizer e, por isso mesmo, podemos nos certificar de que se trata de um outro campo: campo do vazio, campo do objeto perdido.

Em sua leitura, Lacan (1959-1960) retoma o que Freud (1915) apontou como os modos do objeto perdido – *das Ding* – se fazer representar: através da representação-palavra – *Wortvorstellung* e da representação-coisa – *Sachevorstellung*. Acontece que, esta última, segundo a leitura de Lacan, é considerada por Freud, em determinado momento, como uma articulação com a linguagem. Quer dizer: o vazio se sustenta em uma dimensão para além do prazer, além do mundo ordenado pela moral; um mundo assim nomeado por Freud, que Lacan chama de Outro já que o mundo em nós se constitui no Outro, em torno de *das Ding*.

Ao redor de *das Ding*, giram as coisas (*Sache*) do simbólico, diz Lacan. Com isso, podemos compreender que *Ding*, a coisa inalcançável, é o ponto central do imperativo das paixões, que

isola o sujeito da realidade por um lado, que consiste no vazio interior, mas, por outro, porque o humano se institui na cultura, a *coisa* acaba-se positivando, mudando a realidade do mundo do Outro, na medida em que toma a palavra como signo, e é isto o que consolida o vazio exterior. Entretanto, é bom que se diga que o enunciado de um signo não restringe sua importância à dimensão de *Sache*, naquilo que as coisas são nomeadas. Para além desta nomeação, o signo marca o lugar da *coisa* (*Ding*). Explicitando: os signos aparecem para fazer calar *Ding*, mas, sob as vestes do significante, produz uma Outra realidade. Isto é em si o simbólico, uma malha a serviço da moral onde, nas brechas o real aparece.

Para Lacan (1959-1960) a importância de nos voltarmos para a leitura que Freud (1950[1895]) apresenta do funcionamento mental em seu rascunho publicado – onde os primeiros traços do aparelho repercutem como alucinação – está no fato de apontar para um sistema, o sistema  $\omega^1$  que marca uma presença, algo de dentro da estrutura que é o real inapreensível. Não se trata de realidade, como pensava Freud: a realidade só se constitui para o sujeito humano porque ele reencontra algo que foi perdido, e esta é exatamente a noção de *das Ding*: a ‘brecha’ não localizada, a abertura para o real que convoca o sujeito a responder a partir de um dos lugares na partição sexual.

Ainda no mesmo texto, Lacan (1959-1960) observa que o princípio do

prazer em Freud é um princípio que funciona sob o ponto de vista econômico e, portanto, não deve ser considerado o motor do aparelho psíquico cujo funcionamento estaria a serviço do bem. O que o pensamento de Freud inaugura, aliás, é justamente que o humano não se guia pelo que é o seu bem. Mais do que um organismo, o sujeito proposto por Freud é aquele que leva para a dimensão do organismo, algo da experiência do significante. Tanto o bem quanto o mal estão dados em um campo exterior ao sujeito, e ele surge, pela via da linguagem, na mediação entre um e outro. Neste ponto, pode-se compreender que aquilo do que trata a questão da posição estrutural do sujeito, implica a sua “ex-sistência”, o que quer dizer, o real que se move no externo que faz surgir o sujeito, suscitado pela causa que é interna.

Nesse contexto, há algo de notável no passo que Lacan dá, no legado que nos deixa que é o fato de priorizar um aspecto que o próprio Freud (1950[1895]) pouco tratou em seu texto: justamente, a linguagem. Freud faz considerações mais extensas sobre o pensamento, mas não sobre a linguagem, e isto por si só é o que podemos considerar um dos méritos de Lacan, que é ter aproximado o inconsciente freudiano da lingüística de Saussure. Observa a relação que há entre as formações do inconsciente com a técnica do significante e prioriza a leitura de Freud (1905) dos chistes ou tirada espirituosa.

Para abordar este ponto de importância fundamental passarei a considerar alguns trechos do texto *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud*, no qual Lacan (1957, p.498) designa a letra como o “suporte material que o discurso concreto toma

---

<sup>1</sup> Sistema que tem ligação direta com o sistema  $\Psi$  - , que transforma as *trilhas* do aparato mental em *qualidade*. Esta *qualidade* é o que no mundo externo atinge  $\omega$  e regula o índice de prazer e desprazer para o sujeito. (LACAN, 1959-1960).

emprestado da linguagem”. A linguagem é o que possibilita a ordenação de trocas das estruturas elementares da cultura e por isso, a lingüística se destaca no campo da ciência moderna quando Saussure propõe o algoritmo (s / S) isto é, significado sobre significante, como ordens distintas cuja relação é arbitrária.

Para Lacan (1957) o estudo das ligações do significante e sua relação com a gênese do significado ultrapassam a discussão quanto à arbitrariedade do signo e se opõe à correspondência biunívoca entre a palavra e a coisa. Para os psicanalistas, a linguagem interessa de um lugar que é de onde nos interroga sobre sua natureza e não da ilusão de que um significante tem a função de fazer representar o significado, atribuindo um sentido. Trata-se de mostrar “[...] como o significante de fato entra no significado, ou seja, de uma forma que, embora não seja imaterial, coloca a questão de seu lugar na realidade”. (p.503).

A estrutura do significante se constitui quando ele se articula à linguagem, isto é, quando suas unidades estão submetidas a elementos diferenciais últimos que são os fonemas. Nesta ordem, faz-se um pareamento das diferenças, elemento essencial da própria fala que é a letra, no sistema sincrônico. Esta é a estrutura essencial da letra, localizada no significante.

Lacan (1957) adverte para a necessidade de um substrato topológico para tratar da segunda propriedade do significante – a linearidade – composta por leis de ordem fechada. Propõe a expressão “cadeia significante” (p.505) como o que institui os elos entre os significantes e a locução verbal em busca de significação. Contudo, lembra que pela própria natureza do significante, há uma

antecipação em fazer sentido. Embora o sentido insista na cadeia significante, nenhum de seus elementos consiste na significação, na medida em que a língua existe e serve ao sujeito para ele se expressar, nas entrelinhas. Deste modo, devemos considerar a função propriamente significante, o “encontrar” – *trouver* – de palavra em palavra, que não é outra coisa senão a metonímia – a parte tomada pelo todo. E ainda outra, a metáfora que “[...] brota entre dois significantes dos quais, um substituiu o outro, assumindo seu lugar na cadeia significante, enquanto o significante oculto permanece presente em sua conexão (metonímica) com o resto da cadeia” (p.510).

Significante, significado, signo, metonímia e metáfora são alguns dos elementos das leis da linguagem que Lacan (1957) recolhe da lingüística de Saussure e aproxima das leis do inconsciente de Freud, dos sonhos, dos lapsos, dos sintomas e dos chistes. Em seu seminário 4, Lacan (1956-1957) demonstra que não há objeto que não seja metonímico uma vez que aquilo que se coloca para o sujeito diz respeito a sua relação com o objeto do desejo do Outro. Ou seja: trata-se da substituição de um significante por outro, da tentativa (impossível) de reencontrar com o objeto *das Ding*. Esta substituição de palavras é o que faz surgir um sentido na dimensão de metáfora.

Para abordar este ponto, que é a correlação entre as formações do inconsciente com o significante, trago a leitura que Lacan (1957-1958) faz do texto de Freud (1905) sobre o Witz – os chistes, a tirada espirituosa –, que é considerado o mais fidedigno modo das manifestações inconscientes. Estejamos

atentos para o fato de que tanto a metáfora quanto a metonímia servem à atualização dos efeitos significantes em níveis abrangentes, como é o caso do fonológico que propicia o trocadilho, o equívoco.

Em seu texto, Freud (1905) adverte para o fato de que a formação da tirada espirituosa conta com um pensamento pré-consciente, que é abandonado e revestido pelo inconsciente, sendo depois capturado pela percepção consciente. Lacan (1957-1958) observa que Freud relacionou o Witz e o inconsciente com o rigor de uma teoria estrutural do significante. Assim, trata a técnica verbal de Freud como técnica significante, e, aborda a questão do espírito – diferente da questão do cômico e da questão do riso – com uma análise do eixo do discurso que parte do Outro. Dentre as referências que Lacan toma dos exemplos de Freud, de seu estudo da tirada espirituosa, destacamos a alusão que faz a Heinrich Heine. Trata-se de um dito de Hirsch Hyacinth, um judeu, vendedor de bilhetes de loteria, necessitado e faminto, com quem Heine conversa.

Durante esta conversa, Hyacinth conta para Heine que ele “[...] tivera a honra de tratar dos calos dos pés do grande Rothschild, Nathan, o Sábio”. (LACAN, 1957-1958, p.25). Este fato o fazia sentir-se um homem importante, de modo que, durante aquele trabalho, pensava sobre o que o Sábio meditava a respeito das diferentes mensagens que enviaria aos reis, e conclui que caso ele, Hyacinth lhe raspasse demais os calos, disso resultaria que o Sábio também arrancaria demais o couro dos reis.

No curso da conversa, Hyacinth se refere a um outro Rothschild, a quem conheceu e que também era um vendedor

de loteria. Diz que, certa vez, quando esteve em sua casa, Rothschild se referiu a ele com linguagem cordial: “sim, eu também sou vendedor de loteria, da loteria Rothschild, e não quero que meu amigo entre pela cozinha”. (LACAN, 1957-1958, p.26). Hyacinth considerou a maneira como Rothschild o tratou “facionária”.

A exclamação de Hyacinth sobre a maneira facionária como Rothschild o tratou, ocasionou a questão para Freud sobre o que isso queria dizer. Tratava-se de um neologismo, de um lapso, ou de uma tirada espirituosa? Lacan (1957-1958) ressalta que, ainda que se trate de uma tirada espirituosa, o fato de nos perguntarmos do que se trata indica que há uma ambigüidade do significante no inconsciente. Ambigüidade esta que Freud denominou como condensação, que é a aglutinação dos significantes – no caso, familiar e milionário que resulta em facionário – que compõem as duas linhas da cadeia: a do significante e a do discurso. No que diz respeito ao discurso, sabemos que como tal ele parte do Outro e reflete no [Eu], que a partir de então, se inclui na história.

Lacan (1957-1958) nos faz notar que estas duas linhas circulam ao mesmo tempo na cadeia significante e que devido à propriedade dos fonemas, um abalo é passível de ocorrer. Ele distingue três tempos dessa operação: no primeiro tempo tem-se o esboço da mensagem que produz um significante. O segundo tempo é marcado pelo Outro, e o terceiro é o que instaura o objeto metonímico, que no exemplo em questão, poderia ser o Sábio para Hyacinth, o milionÁRIO. Poderia, porém não é porque é o milionário quem possui Hyacinth e não o contrário; e, justamente por isso, é que esse milionário aparece no segundo tempo, no mesmo

ponto em que se encontra a menção familiar de Rothschild. É então que se conjugam milionário e familiar e formam o familionário já num terceiro tempo.

O que ora quero ressaltar da exposição de Lacan (1957-1958) é o fato de que tanto a cadeia do discurso quanto a cadeia do significante convergem para o mesmo ponto que é o da mensagem. Contudo, no caso da tirada espirituosa, como bem mostra o exemplo de Hyacinth – que se sente tratado de maneira familionária – o que acontece é que a mensagem não está no código, mas sim no plano do significante, distinto do código. Isso porque a tirada espirituosa se constitui no segundo plano da cadeia significante, no nível do Outro. Reconhecer que isso já está dado em Freud, é o notável passo de Lacan.

“Há duas coisas no livro de Freud sobre a tirada espirituosa – a promoção da técnica significante e a referência expressa ao Outro como terceiro. Essa referência, que repiso há anos, é absolutamente articulada por Freud, muito especialmente na segunda parte de seu livro, mas forçosamente desde o início”. (LACAN, 1957-1958, p.28).

O que Freud (1905) destaca na tirada espirituosa é o que está mais além do sujeito, o Outro, independente do quanto o humano o suporte. O agente aqui é o Outro que alinha a mensagem no código e institui uma tirada espirituosa que tem relação com algo da ordem do sentido. Este é o terceiro elemento da definição que Lacan (1957-1958) dá para a tirada espirituosa: o sentido que de algum modo faz referência à verdade inconsciente que por sua vez só pode ser vista de viés.

Através da fala é que a linguagem se estrutura e, deste modo, o humano expressa a estrutura do inconsciente, na relação com o significante, que não deixa de ser ao mesmo tempo uma tentativa de escamotear a brecha. Freud denominou esta estrutura que é a do real como a “outra cena”: são os efeitos instáveis presentes na linguagem, que permitem ao inconsciente se manifestar, são eles: a metáfora e a metonímia. Desta maneira, o *Isso* fala no Outro, a saber, o deslizamento significante que tem como recurso a palavra dá condições ao sujeito de advir.

Lacan (1959-1960) considera, ainda, os elementos apresentados por Freud (1920) em *Além do princípio do prazer*, que apontam para a repetição como o caminho em que a pulsão busca fazer uma articulação com os objetos intercambiáveis, para se fazer representar. Quer dizer: objetos que se prestam ao investimento das pulsões sexuais a fim de obterem satisfação. Deste modo, compreendemos que uma zona erógena que se chama o bico do seio, o mamilo faz as vezes do objeto perdido, e assume no erotismo humano seu valor de objeto parcial, *agalma*. Objeto suporte do prazer, da volúpia do mordiscar, onde se perpetua o que bem podemos chamar de uma voracidade sublime, na medida em que concede ao sujeito prazer – *Lust*.

Para fixar o que interessa, chamo a atenção para a existência de um além do princípio do prazer. Refere-se à coisa, *Ding*, objeto da experiência inconsciente, que em si constitui uma lei que irá reger a lei dos signos, incidindo diretamente no funcionamento da linguagem e na palavra. Entretanto, é no vazio interior que este objeto engendra a emergência do sujeito significante, ao custo da perda deste

objeto. É então, por se colocar na malha do significante, que o sujeito toma seu lugar na estrutura, em torno de *Ding*, um objeto para sempre perdido e, também, em torno de um objeto que é o falo simbólico:  $\Phi$ .

Lacan (1962-1963) trata da revisão do status do objeto na via do simbólico e situa uma espécie de choque intransponível do real (p. 99), no que esta formulação apresenta como problema o nascimento do sujeito via a entrada do significante no real. Nesse contexto, a primeira consideração que devemos fazer é o fato de que, para tornarmos presentes uns para os outros temos nosso corpo, sendo que algo relativo ao reconhecimento do corpo próprio, escapa à possibilidade de ser investido e comparece como falo ( $-\phi$ ).

Lacan (1962-1963) apresenta uma formulação nova do conceito de objeto no Seminário 10, *A angústia*. Trata-se do *objeto pequeno a*, o qual lhe permite aprofundar a função de objeto na experiência psicanalítica, mais especificamente, de objeto causa do desejo. Para tanto, retoma seu esquema do vaso de flores, e mostra que o lugar da imagem no campo do Outro é marcado por uma falta, uma vez que, ali, o que é o convocado não pode aparecer, por estar tão perto, a ponto de não poder ser visto. Este é o lugar onde se instaura o objeto pequeno *a*, no lugar da falta, onde algo só aparece se este objeto exerce sua função na fantasia.

A apreensão do conceito do objeto *a* é fundamental para que possamos compreender a formulação de Lacan (1964), que, de certo modo, re-inaugura a Psicanálise. A topologia proposta por Lacan mostra que são as voltas que a pulsão dá enquanto busca satisfação, que

faz do objeto parcial, o seio, esse objeto pequeno *a*, objeto que é do campo do Outro.

Notemos que Lacan (1962-1963) faz uma distinção entre objeto de desejo cuja estrutura é especular e, objeto causa de desejo – objeto *a* –, o qual inventa a partir da relação que faz com o objeto enigmático. A distinção entre essas duas modalidades do objeto nos permite continuar a acompanhá-lo em sua formulação sobre o sujeito desejante. No que diz respeito ao objeto de desejo, a falta é considerada caracteristicamente como falta de um objeto que possa satisfazer o desejo. Deste modo, o lugar de falta pode muito bem ser “tapeado” na medida em que um objeto pode enganar o desejo, esse objeto é polarizado como uma imagem que comparece como falo imaginário ( $-\phi$ ) – em sua dimensão de presença/ausência – e determina a angústia de castração. No intuito de não se confrontar com a falta, o sujeito pode convertê-la no ser que lhe faz falta. Circunstância em que a falta comparece como uma identificação do ideal (anal) do eu, na situação de enamoramento. Já a relação do sujeito com o objeto causa de desejo, implica sua relação com o Outro, de onde o sujeito não se vê mais do que como um destino, destino esse que se constitui na rede de significantes, onde o significante representa o sujeito que envolve o complexo de castração e implica a experiência do desejo.

Lacan (1962-1963) diz que o que resulta da falta é a relação do sujeito com o Outro, mas como esta relação se constitui? Justamente, podemos responder à pergunta, por referência ao surgimento da existência de um significante, no ponto em que, sendo do campo do Outro, não está na cadeia, e por isso permite que

todos os outros significantes se articulem. O que devemos notar aqui é que a falta não é real, mas simbólica. A privação, sim, é algo real. Fazer esta distinção é essencial para compreender, na experiência analítica, o que se denomina como castração.

O ensino de Lacan (1962-1963, p.151) possibilita acompanharmos tal sutileza. Quando, no nível da relação com o Outro, uma das formas como a falta, que é constitutiva, pode aparecer, é no suporte imaginário da castração. Isto porque a falta é inapreensível, e a única maneira de abordá-la é “pelas beiradas”, como se diz. Como a falta inexistente no real, ela só existe quando um lugar é apontado como lugar de ausência de uma presença, logo um lugar onde o simbólico adentra o real. Isto é justamente o que Lacan nos mostra com a formulação de seu objeto *a*. Este objeto que em si não é uma simbolização da falta, o *a* é a própria falta que o discurso pretende preencher.

“[...] há dois modos pelos quais o *a* pode aparecer na relação com o Outro. Se podemos chegar a eles, é justamente através da função da angústia, uma vez que a angústia, onde quer que se produza, é o sinal deles – pelo menos na medida em que não há outra maneira de interpretar o que nos é dito sobre ela na literatura analítica.” (LACAN, 1962-1963, p.153).

Lacan (1962-1963) aponta para o paradoxo relativo aos modos como o *a* aparece na relação com o Outro. Por um lado, há a consideração da angústia como sinal, por outro, a angústia como defesa. Contudo, no decorrer de seu ensino, diante da questão levantada por Jones, ele retoma o paradoxo e mostra a relevância de se considerar um sinal tão dispendioso

quanto a angústia, quando se trata do indicativo de um desejo a ser desenterrado, em contrapartida considera a angústia como o sinal, justamente, da falta.

A angústia, ele (1962-1963) nos diz, é ela mesma da ordem de uma aproximação. Ela é o sinal do real, diferente do medo que indica um perigo objetivo que traz pavor. “O lugar desse real pode inscrever-se, com o suporte do signo da barra, na operação a que chamamos, aritmeticamente, divisão” (p.178). Compreendemos que o processo de subjetivação se constitui, no lugar do Outro, sob a forma de significante, e implica três etapas. Uma vez constituído no campo do Outro, o sujeito se faz representar pelo significante que parte do tesouro do significante e o interroga sobre o que ele quer. Diante desta questão a angústia constitui-se, em uma dimensão retroativa do *a*, que equivale, em uma terceira etapa, ao \$ (sujeito barrado), resto irreduzível, que aparece como sujeito do desejo.

Como já discorrido, o objeto *a* é irreduzível, e por isso só podemos conhecê-lo na medida em que o concebemos como uma imagem, mas não qualquer uma, pois se trata da visão impossível que ameaça o sujeito. Para ilustrar sua formulação, Lacan (1962-1963, p. 180) dá o exemplo de Édipo, como aquele que possuiu o objeto do desejo e da lei, aquele que gozou da mãe, e por isso sofreu as conseqüências de seu ato. Ao ver o que fez, viu-se sendo visto e, a partir daí, foi tomado pela angústia e cegou a si mesmo.

Ainda que o *a* encontre na imagem uma maneira de se fazer representar, essa imagem especular não diz tudo sobre o sujeito, não diz do ser que

distinto da imagem do corpo, indica que algo continua a faltar. A aproximação da imagem libidinal do semelhante  $i'(a)$  produz uma fratura que indica Outra função da castração, e leva o neurótico a fazer dela, o que falta ao Outro. Deste modo, a falta é falta no Outro e o destino do sujeito está atrelado a esta falta. Assim, entregue a sua própria sorte, o sujeito tece seu destino em um universo de significações produzidas a partir de um significante que o marca, mas que não diz de si. Trata-se de um significante que retrata a angústia que o sujeito vive na relação com o objeto causa de desejo, objeto perdido, que se constitui como traço, chamado por Lacan (1962-1963, p.31) de “traço unário”, que entra em nós pelo real.

Para tratar desta relação angustiada do sujeito com o *objeto perdido*, Lacan (1962-1963, p. 73) volta ao tema do traço, faz uma correlação dos sintomas histérico e obsessivo para mostrar que o humano cria traços falsos para lidar com o que não sabe, quer dizer, com o que o causa e se apresenta como vazio. Daí, ele afirmar que a idéia de causa tem seu suporte no traço, onde o sujeito –  $\$$  – nasce, no lugar da “racionalidade do Outro” (p. 75), o que quer dizer: onde o sujeito se posiciona no lugar do Outro em uma cadeia de significantes.

Lacan (1962-1963) esclarece que, antes mesmo que possamos compreender ou elaborar qualquer coisa, o que existe é o campo do Outro (A), e, por isso mesmo, é preciso passar pelo Outro, pelos caminhos da relação com o desejo do Outro, para acessarmos nosso desejo. Para Lacan,

“[...] o Outro existe como inconsistência constituída como tal. O Outro concerne a meu desejo na medida do que lhe falta e de que ele não sabe. É no nível do que lhe falta e do qual ele não sabe que sou implicado da maneira mais pregnante, porque, para mim, não há outro desvio para descobrir o que me falta como objeto de meu desejo”. (p. 32-33).

O desenvolvimento apresentado por Lacan (1962-1963) nos possibilitará acompanhar a Outra função da castração, expressa pela fratura no sujeito que jamais é cerzida. Na passagem da libido de  $i(a)$  para  $i'(a)$ , algo que se perdeu, o objeto pequeno  $a$  nunca é capturado, cai como resto da divisão do sujeito. Em seu lugar, aparece o falo ( $-\phi$ ), marcado pelo sinal negativo, justamente para indicar que ele ocupa o lugar da queda de  $a$ . Esta divisão do sujeito é operacionalizada porque, num primeiro momento, o que existe é um sujeito mítico, um sujeito puro gozo, reconhecido somente por intermédio deste  $a$ . Como é impossível uma operação com  $a$ , o sujeito significante tem de se dirigir ao Outro, para buscar a chave de seu enigma. Deste modo, podemos dizer que o falo ( $-\phi$ ) no lugar de  $a$  é o que medeia a relação entre o sujeito do gozo e o sujeito do desejo.

Chamo a atenção para o fato de que o que falta ao sujeito, como objeto do desejo, só é possível acessar, na via do que falta ao Outro; daí a divisão do sujeito –  $\$$  – que aponta para sua dependência em relação ao Outro. Deste modo, o sujeito constrói sua história de vida na relação com alguns outros, onde busca saber da origem, fazendo uma demanda ao Outro, posicionando-se deste lugar, em uma cadeia de significações que constituem o termo de referência que possibilita o traço ser transformado em significante. Para

Lacan (1962-1963), o destino do sujeito está nesta infinita cadeia que constitui a linguagem.

Assim, o significante faz sua inscrição no corpo próprio, só reconhecido através da experiência da imagem especular quando autenticada pelo Outro, atrelando o destino do sujeito a um significante que o remete a outros significantes. Isto quer dizer que constitui um engodo tratar o sexual como maturação genital, basta atentar para “[...] que o jogo de deslocamento e condensação a que está fadado no exercício de suas funções marca sua relação de sujeito com o significante”. (LACAN, 1958, p. 699).

Para concluir, considero importante atentar para o ponto que faz referência ao status real do objeto. Um objeto, que é apreendido pelo corte que anatomicamente expressa seus efeitos. Trago, neste ponto, mais uma vez, o objeto a que mais comumente nos referimos para situar a relação estrutural da criança com a mãe: a mama. E, se é assim, por que não ir mais longe e considerar um elemento inerente à vida intra-uterina, “[...] irredutível à divisão do ovo, que se chama placenta?” (LACAN, 1962-1963, p. 185), já que é a sua existência dentro do corpo da mãe que dá à posição da criança no útero materno uma condição de parasita, isso à luz da patologia.

Lacan (1962-1963) mostra que, do mesmo modo que devemos considerar o lado da criança, é preciso acompanhar em que nível as coisas ocorrem do lado da mãe. Aliás, é justamente isto que faz com que qualifique o seio como um órgão “amboceptor”, o que quer dizer, o corte se dá para cada um – mãe e criança – distintamente, são dois cortes que não se

equivalem e, por conseguinte deixam dejetos diferentes. A criança, desde o corte do cordão umbilical, se separa de seus envoltórios, enquanto para a mãe o corte se situa no nível da queda da placenta. Em cada um desses cortes há uma parte do sujeito que cai, que caduca e esta parte, mais importante do que qualquer outra, Lacan a aproxima do objeto *a*.

## REFERÊNCIAS

- FREUD, Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, S. *Obras Completas, I* (1950[1895]/1969). Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: FREUD, S. *Obras Completas, VIII*, (1905a/1969). Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. Artigos sobre a metapsicologia - O inconsciente. In: FREUD, S. *Obras Completas, XIV* (1915 /1969). Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: FREUD, S. *Obras Completas, XVIII*, (1920/1969). Rio de Janeiro: Imago.
- LACAN, J. O seminário, livro 4: a relação de objeto. (1956-1957/1995). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: LACAN, J. *Escritos*. (1957/1998). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LACAN, J. O seminário, livro 5: as formações do inconsciente. (1957-1958/1999). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LACAN, J. A significação do falo. In: LACAN, J. *Escritos*. (1958/1998). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

- LACAN, J. O seminário, livro 7: a ética da psicanálise. (1959-1960/1997). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LACAN, J. O seminário, livro 10: a angústia. (1962-1963/2005) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LACAN, J. O seminário, livro 11: os quarto conceitos fundamentais da psicanálise. (1964/1988). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- LAMEIRA, V. *O (des)encontro do homem e da mulher no Tambor de Crioula do Maranhão*. 2009. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.